

Construção, criação e produção na filosofia da natureza de Schelling

Márcia Cristina Ferreira Gonçalves²

marciacfgoncalves@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Este artigo apresenta três teses fundamentais desenvolvidas por Friedrich W. J. von Schelling (1775-1854) em seu sistema de Filosofia da Natureza (entre 1797 e 1803): (1) A primeira responde à questão levantada por Kant sobre a possibilidade da construção na filosofia; (2) a segunda baseia-se na interpretação do jovem Schelling sobre a teoria platônica sobre a criação da natureza; (3) a terceira afirma a produtividade da natureza, com inspiração no conceito spinozano de *natura naturans*.

Palavras-chave: Schelling; natureza; filosofia; construção; criação; produção.

Construction, creation and production in the Schelling's Philosophy of Nature

Abstract: This paper presents three fundamental theses expounded by Friedrich W. J. Schelling (1775-1854) in his Philosophy of Nature's system (between 1797 and 1803): (1) The first answer the question raised by Kant on the possibility of construction in philosophy; (2) the second is based on the interpretation of the young Schelling on the Platonic theory of the creation of nature; (3) the third states the productivity of nature, inspired by the Spinoza's concept of *natura naturans*.

Keywords: Schelling; nature; philosophy; construction; creation; production.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar três teses fundamentais desenvolvidas pelo jovem Schelling em seu sistema de Filosofia da Natureza. (1) A primeira tese diz respeito à possibilidade da construção na filosofia e tem origem principalmente no diálogo de Schelling com a filosofia transcendental de Kant. (2) A segunda tese responde à questão da criação da natureza e tem origem principalmente no estudo do jovem Schelling sobre a filosofia de Platão, em especial de sua obra *Timeu*. (3) A terceira tese afirma a dualidade originária da natureza enquanto produtividade infinita e produtos finitos, e surge da reinterpretação do jovem Schelling dos conceitos spinozanos de *natura naturans* e *natura naturata*. Para maior clareza, este artigo será dividido em três partes, correspondentes às exposições de cada uma dessas teses.

1. SOBRE A TESE SCHELLINGUIANA DA CONSTRUÇÃO NA FILOSOFIA DA NATUREZA.

Para a compreensão da tese schellinguiana da construção na filosofia da natureza é importante contextualizar a discussão sobre a possibilidade da filosofia como ciência travada por Schelling a partir de sua interpretação crítica da tese kantiana sobre a construção na geometria. A principal crítica de Schelling



é contra o fato de que Kant só admite o processo de construção de conceitos na matemática, mas não na filosofia. Kant descreve dois tipos de conhecimento racional. O primeiro, chamado de “filosófico”, se dá “a partir de conceitos”, o segundo, chamado de “matemático”, “a partir da construção de conceitos” (KANT, CRP, B 741)³.

Um dos exemplos de Kant sobre a construção na matemática diz respeito à possibilidade de se deduzir a tridimensionalidade do espaço a partir de um simples teorema: o de que, sobre um único ponto não se podem cruzar mais do que três linhas retas octogonais (que formam ângulos retos entre si):

Que o espaço inteiro (...) tenha três dimensões (*drei Abmessungen*) (...) é construído sobre a seguinte proposição: em um ponto não se podem cruzar mais do que três linhas em ângulos retos. (KANT, *Prol.*, § 12)⁴.

Esta *construção* do espaço tridimensional na ciência da geometria só é possível, segundo Kant, por que, para ele, o espaço é uma forma pura (e portanto *a priori*) de nossa intuição (cf. KANT, *Prol.*, § 12). Para Schelling, entretanto, a tridimensionalidade do espaço é condicionada pela matéria que o preenche. Assim, por exemplo, quando o geômetra intui as linhas retas que se cruzam sobre um único ponto, estas linhas já são, para Schelling, uma *matéria* do seu pensamento. Os vários projetos esboçados por Schelling para a construção de uma filosofia da natureza são impulsionados por uma intenção fundamental de “superar a diferença entre espírito e matéria” (SCHELLING, *SW*, I, 1, p. 379). Por isso, Schelling reinterpreta a dedução da tridimensionalidade do espaço, que segundo Kant é fundada na intuição pura *a priori*, de um modo muito mais radical que este, na medida em que constrói o próprio conceito de matéria em sua filosofia da natureza. A tese da construção da matéria foi sistematicamente exposta por Schelling no § VI de sua *Fernere Darstellung aus dem System der Philosophie*, intitulado exatamente *Konstruktion der Materie*. Neste parágrafo, Schelling afirma, por exemplo, que “o espaço não pode ser separado da matéria e é apenas por meio dela e com ela” (SCHELLING, *SW*, I, 4, p. 428).

A tarefa assumida pelo jovem Schelling de *construir* o conceito de matéria pode ser reconhecida a partir de sua interpretação sobre a construção filosófica, inspirada no livro do filósofo sueco Benjamin C. H. Höijer⁵, sobre o qual Schelling publica uma resenha em 1802, no *Kritisches Journal der Philosophie*, com o título *Sobre a construção na filosofia*⁶. Contra a distinção kantiana entre filosofia e matemática, Schelling afirma, em sua polêmica interpretação, inspirada em Höijer, sobre o teorema da construção em Kant, que, se este “tivesse tido uma plena consciência de sua filosofia e fosse capaz de refletir sobre ela”, ele “teria que construir” (SCHELLING, 2001, p. 99)⁷, ou seja, ele teria que admitir que, em seus *Metaphysische Anfangsgründe der Naturwissenschaft*, teria construído o conceito de matéria.

Em sua tese intitulada *Begriff und Konstruktion: Rezeptionsanalytische Untersuchungen zu Kant und Schelling*, Jürgen Weber faz uma minuciosa análise sobre a influência e apropriação de Schelling da interpretação de Höijer sobre a construção na filosofia. É de Höijer a interpretação inicial de que:

[Kant] de fato, constrói a matéria em seus *Princípios metafísicos da ciência da natureza* (*Metaphysische Anfangsgründen der Naturwissenschaft*). Porém, esta construção não é matemática; ela não acontece no espaço e no tempo, pois, por meio desta construção, devem ser preenchidos, imediatamente, o espaço e, mediatamente também o tempo: esta construção deve ser portanto filosófica⁸ (*apud* WEBER, 1998, p. 9).

Schelling se apropria da tese de Höijer sobre a passagem da construção matemática da tridimensionalidade do

espaço a partir na forma pura da intuição para a construção filosófica da matéria, na medida em que reinterpreta as formas puras da intuição de Kant (espaço e tempo) como sendo já uma forma de *intuição intelectual*:

O espaço, como se encontra, segundo Kant, no fundamento da Geometria, e o tempo, como se encontra no fundamento da Aritmética, é toda a intuição intelectual; lá, porém, expressa no finito, cá, no infinito. (SCHELLING, 2001, p. 90)⁹.

Esta interpretação do conceito kantiano de forma pura da sensibilidade como intuição intelectual resulta – como esclarece Paul Ziche em seu artigo *Raumkonstruktion, Deduktion der Dimensionen und idealistische Prinzipientheorie* – de uma síntese, realizada por Schelling, entre o conceito de intuição pura de Kant e o conceito de intuição intelectual de Fichte. Esta síntese não é meramente lógica, mas epistemológica (cf. ZICHE, 2006), e a mediação encontrada por Schelling para unir as duas concepções se encontra no conceito de força. Paul Ziche interpreta esta aproximação feita pelo jovem Schelling entre as concepções de Kant e Fichte tal como uma *convergência estrutural*:

(...) uma convergência entre – de um lado – a explicação fichtiana do conhecimento por meio da [descrição do movimento] de uma força que parte do eu em direção ao exterior, devendo ser limitada por uma força de efeito contrário, e – de outro lado – a dedução kantiana da matéria a partir de um equilíbrio de forças. (ZICHE, 2006, p. 28)¹⁰.

Desde seu *Tratado para o esclarecimento do idealismo da Doutrina da Natureza*, de 1796-97, o jovem Schelling ensaia uma interpretação da concepção fichtiana de intuição intelectual, em conexão não apenas com a teoria das forças opostas da física dinâmica, mas, sobretudo, como modo de construção ou dedução, a partir do espírito, de seu conceito inicial de matéria¹¹, o qual pode então ser interpretado ainda como idealista ou transcendental, na medida em que é descrito como mero “produto” do espírito:

Mas a questão é: por meio do que o sentido *interno* se torna *externo*.

A resposta é a seguinte: Por meio da tendência para a autointuição, o espírito se limita a si mesmo. Esta tendência é *infinita*, reproduz a si mesma continuamente ao infinito. (Apenas nesta reprodução infinita de si mesmo o espírito continua. Logo será demonstrado que, sem esta continuação, todo o sistema de nosso espírito é inexplicável). O espírito faz portanto um esforço necessário para se intuir em suas atividades contraditórias. Ele não pode fazer isso sem apresentá-las em um produto comum, i. e. sem torná-las *permanentes*. Portanto, elas aparecem, na perspectiva da consciência, como atividades *em repouso*, i. e. como forças que não são propriamente ativas, mas que agem *contra* o impulso inicial (*Anstoß*) exterior. – A matéria nada mais é do que o espírito intuído no equilíbrio de suas atividades (SCHELLING, SW, I, 1, p. 380)¹².

Na construção de seu sistema de filosofia da natureza, a partir de 1797, com *Ideen zur einer Philosophie der Natur als Einleitung in das Studium dieser Wissenschaft*, Schelling transforma seu conceito de matéria em um conceito mais dinâmico e conseqüentemente mais autônomo em relação à atividade do eu, inspirado no conceito de matéria descrito por Kant em seus *Princípios metafísicos da ciência da natureza*, como um equilíbrio de forças contrárias. Neste contexto, Schelling descreve a matéria não apenas como “algo extenso” no espaço de “três dimensões”, mas também como “efeito (*Wirkung*) e contra-efeito (*Gegenwirkung*) das forças atrativa e repulsiva” (SCHELLING, SW, I, 2, p. 179)¹³. A partir desta descrição dinâmica da matéria, Schelling pode então construir seu conceito de matéria em sua filosofia da natureza enquanto forma de uma ciência superior:

Se, porém, as forças atrativa e repulsiva são propriamente condições de *possibilidade* da matéria, ou melhor, se a própria matéria nada mais é do que estas forças pensadas em conflito, então estes princípios estão no ápice de toda a ciência da natureza, ou como lemas a partir de uma ciência superior, ou como axiomas que têm que ser pressupostos antes de tudo, no caso contrário, de ser possível uma explicação física. (SCHELLING, SW, I, 2, p. 192)¹⁴.



O papel exercido pelos princípios das forças opostas na ciência filosófica da natureza é nitidamente o de possibilitar a construção do conceito de matéria, como conteúdo desta ciência.

No tratado de 1802 sobre a construção, Schelling recorre mais uma vez ao conceito de intuição intelectual de Fichte, como meio de construção de seu próprio conceito de matéria, na medida em que interpreta o conceito de intuição intelectual como movimento de uma força, que parte do eu para fora do eu e, novamente, reflete para dentro de si mesmo, após deparar-se com o mundo exterior. Contudo, neste novo momento do desenvolvimento da filosofia de Schelling, não mais inteiramente transcendental, mas também não mais inteiramente natural, a construção do conceito de matéria por meio da concepção de intuição intelectual tem como consequência – como interpreta corretamente Ziche – um certo *paralelismo* entre o espírito e a natureza e, conseqüentemente, um *paralelismo* entre a Filosofia Transcendental e a Filosofia da Natureza, que o jovem Schelling tentará solucionar em seu *Sistema do Idealismo Transcendental* de 1800 (cf. ZICHE, 2006, p. 28). Por outro lado, esse paralelismo decorre também da hipótese interpretativa do jovem Schelling de que haveria uma harmonia ou um equilíbrio entre as operações da mente e as operações da natureza objetiva. Esta hipótese possibilita ao filósofo da natureza não apenas desenvolver um sistema de filosofia baseado em princípios, ou em axiomas *pressupostos* racionalmente, mas também, e mais especificamente, em *construir* um conceito de matéria, com a dedução a partir de princípios racionais, ou a partir de uma dualidade de princípios, que são, ao mesmo tempo, materiais, enquanto forças da natureza.

Em sua filosofia da natureza, o jovem Schelling constrói seu conceito de matéria aplicando o mesmo processo de construção que Kant admitia apenas na matemática, e mais especificamente na geometria, que permite deduzir, por exemplo, a tridimensionalidade do espaço a partir de um axioma. Schelling pretende, entretanto, demonstrar não mais as dimensões do espaço, mas sim as dimensões da própria matéria em seu jogo de forças contrárias. Em suas *Ideias*, de 1797, Schelling interpreta os três processos fundamentais da natureza – Magnetismo, Eletricidade e os Processos Químicos (*Chemismus*) – como correspondendo às três dimensões espaciais (cf. SCHELLING, SW, I, 2, p. 226). Pois as dimensões são para Schelling *construções* da própria matéria, relações de forças contrárias, que agem, no magnetismo, de forma linear, na eletricidade, envolvendo um campo de força que se estende pela superfície, e nas reações químicas, atingindo a terceira dimensão, se espalhando por todo o volume do espaço ocupado.

A tese schellinguiana sobre a possibilidade da construção da matéria em sua filosofia da natureza tem relação direta com sua interpretação sobre a criação da natureza. Em especial porque a segunda tese também tenta resolver a dicotomia entre pensamento e matéria, ao mesmo tempo em que pode implicar novamente a admissão de um paralelismo entre espírito e natureza.

2. SOBRE A TESE SCHELLINGUIANA DA CRIAÇÃO NA NATUREZA.

Para a compreensão da tese sobre a criação *na* natureza do jovem Schelling, é importante conhecer sua interpretação sobre o *Timeu* de Platão (SCHELLING, 1994). Neste manuscrito de 1794 sobre a obra de Platão que narra o mito da criação do mundo enquanto organização da matéria por um Demiurgo, o jovem estudante de Tübingen interpreta a teoria platônica das ideias, afirmando, em primeiro lugar, que, em Platão, o mundo sensível ou visível seria uma cópia (*Nachbild*) de um arquétipo (*Urbild*), ou seja, uma imitação de um mundo que não existiria fisicamente e, conseqüentemente, que não poderia ser cognoscível por meio da



experiência: um mundo que só existiria “na ideia” (*in der Idee*) (SCHELLING, 1994, p. 26).

Em sua tese de *Habilitation* sobre a interpretação de Platão pelos filósofos alemães do século XIX, Christoph Asmuth acentua a importância do conceito platônico de *ideia* como “um paradigma da filosofia racional”, mas apenas na medida em que se concebe, por um lado, as ideias não mais como pertencentes a um mundo suprassensível e, por outro lado, o nosso mundo sensível (*das Irdische*) de modo ideal (*idealistisch*) (ASMUTH, 2006, p. 14). No caso específico da interpretação sobre Platão por Schelling, Asmuth esclarece que:

O infinito – tal como interpreta Schelling – deveria espelhar-se no finito, mas não como dois mundos um ante e contraposto ao outro, mas sim, sob o primado da eterna unidade originária, um para e dentro do outro. O que aparece como desigual já devia estar previamente sempre unificado e uno dentro da única substância. Com isso, pode-se aplicar brilhantemente Platão como um importante elemento de uma teoria da unidade (ASMUTH, 2006, p. 14)¹⁵.

Segundo Asmuth, a interpretação de Schelling sobre o *Timeu* de Platão é mediada pela interpretação de Kant, para o qual as ideias em Platão seriam tão somente “arquétipos (*Urbilder*) das coisas”. De acordo com Asmuth, o jovem Schelling transforma Platão em um “filósofo transcendental”, por isso denomina seu capítulo dedicado a Schelling “*Platon als transzendentalphilosophischer Kosmologe: Schelling*” (*Platão como cosmólogo da filosofia transcendental: Schelling*). Ainda que influenciado por Kant, o jovem Schelling é mais radical, ao interpretar que para Platão “o mundo visível nada mais é do que uma cópia (*Nachbild*) do mundo invisível” (SCHELLING, 1994, *apud* ASMUTH, 2006, p. 61).

Mais problemático do que esta interpretação de Schelling sobre a teoria das ideias de Platão é a afirmação de que “a chave para a explicação de toda filosofia platônica é a observação de que, em toda parte, ele transfere (*überträgt*) o subjetivo para o objetivo” (*ibidem*). O significado do verbo “*übertragen*”, empregado aqui pelo jovem Schelling, suscitou uma interessante discussão entre os comentaristas desta sua obra de 1794. Asmuth resume esta discussão em dois principais partidos. De um lado, Dieter Henrich e Birgit Sandkaulen-Block acreditam na interpretação de Schelling de que Platão relataria o mito do surgimento do mundo (objetivo) para de fato expressar uma teoria do conhecimento humano (subjetivo). De outro lado, Michael Frank acredita que Schelling expressaria com este termo um processo no qual “o mundo visível” poderia ser visto “na luz do mundo ideal” ou “na luz do mundo das ideias” (*ibidem*). A verdadeira questão é saber se Schelling interpretaria o mundo das ideias de Platão como um mundo objetivado ou se, para ele, este mundo seria apenas uma representação do mundo real objetivo. Na interpretação de Asmuth, Schelling transforma Platão em um filósofo transcendental, na medida em que segue a interpretação de Kant de que “a ideia da totalidade absoluta”, ou seja, a ideia platônica no seu sentido singular, enquanto ideia cosmológica, refere-se tão somente “à exposição dos fenômenos”, que aparecem em sua multiplicidade no mundo visível (cf. ASMUTH, 2006, p. 62).

De fato, o jovem Schelling começa suas investigações filosóficas buscando em Platão a chave para a compreensão da questão (clássica da filosofia transcendental) sobre a (condição da) possibilidade do conhecimento do mundo exterior, e encontra, no conceito platônico de razão, com sua função apriorística e unificante, uma resposta provisoriamente satisfatória. Mas o interesse especial do jovem Schelling pelo mito do Demiurgo como princípio organizador do cosmos, narrado por Platão, e pela ideia de uma alma universal do mundo – enquanto organização do mesmo ou enquanto razão universal – fundamenta o desenvolvimento de sua futura filosofia da natureza.



A narrativa mítica, presente no *Timeu* de Platão, sobre o surgimento do mundo, segundo a qual o Demiurgo teria criado o mundo como uma imagem reproduzida (*Nachbild*) a partir de uma imagem originária (*Urbild*) (cf. SCHELLING, 1994, p. 29) fornece ao jovem Schelling as imagens ou ideias que ele necessita para a sua futura filosofia da natureza. Segundo Schelling, para Platão, matéria (*ἀπείρον*) e forma (*πέρας*) do mundo são absolutamente diferentes¹⁶. A forma do mundo corresponderia à regularidade (*Regelmäßigkeit*) e à conformidade a leis (*Gesetzmäßigkeit*) presentes no mundo. Mais uma vez, Schelling utiliza aqui uma linguagem kantiana. E, segundo essa leitura transcendental-filosófica de Platão, este último não poderia conceber a forma do mundo como inerente (*inhärende*) à sua matéria. Platão pressuporia então, segundo Schelling, uma matéria originária preexistente do mundo (*präexistierende Urmaterie der Welt*), sem ordem e sem regularidade, ou seja, sem a forma do entendimento (*Verstandesform*) (cf. SCHELLING, 1994, p. 27). Sim, porque o Platão filósofo transcendental do jovem Schelling compreenderia a forma, ou seja, a ordem do mundo, como uma atribuição do entendimento, ou melhor, do puro entendimento, que prescreveria a legislação (*Gesetzgebung*) da natureza (cf. SCHELLING, 1994, p. 31). Mas, além do pressuposto de uma matéria originária, Schelling interpreta que Platão teria um outro pressuposto, ainda mais importante para a sua futura filosofia da natureza: a chamada *alma do mundo* (*Weltseele*). Este conceito de *alma do mundo* – que mais tarde servirá de título para uma das obras centrais de seu sistema de Filosofia da Natureza – é aqui inicialmente interpretado pelo jovem Schelling como tendo dois diferentes aspectos, correspondentes às duas diferentes etapas da criação ou organização do mundo visível pelo Demiurgo.

No primeiro momento, o Demiurgo unificaria a alma do mundo originária com o entendimento; no segundo momento, ele unificaria “esta alma do mundo [já] inteligível” (*diese verständige Weltseele*) com a matéria (cf. SCHELLING, 1994, p. 31). Em seu primeiro aspecto, a alma do mundo seria igualmente originária, pois já estaria “disponível” (*vorhanden*) na matéria amorfa e caótica (cf. SCHELLING, 1994, p. 36). Em seu segundo aspecto, a alma do mundo já estaria unificada com a forma do entendimento. Mas esta (segunda) alma do mundo inteligível seria então, no segundo momento de criação do mundo, unificada pelo Demiurgo com a matéria. É possível então, interpretarmos uma espécie de círculo que vai da matéria sem forma até a matéria formada, sendo que o Demiurgo, responsável por formar a matéria, não o faz sem o intermédio da alma do mundo. Nesta sua obra de juventude, Schelling interpreta o conceito platônico de alma do mundo também ainda de modo transcendental, enquanto “princípio originário do movimento”. Para fundamentar esta interpretação, Schelling recorre ao *Filebo* de Platão e compreende a *ψυχή* (*psyché*) como um “princípio da mudança” (*Veränderung*) no mundo em geral, e *ψυχήν* como “força do movimento” (*Bewegungskraft*) (cf. SCHELLING, 1994, p. 29). A diferença entre o entendimento (*νοῦς*) e a alma do mundo (*ψυχή*) não é, para Schelling, nenhuma diferença absoluta: “o *νοῦς* não é condição necessária da *ψυχή*, mas ao contrário, a *ψυχή* é condição necessária do *νοῦς*” (*ibidem*). Outra interpretação importante de Schelling é sobre conceito grego de *ζῶον* (*zoon*) (animal), como “aquilo que possui a força do movimento” (cf. SCHELLING, 1994, p. 31). Com estas interpretações, Schelling compreende a tese platônica de que o mundo seria um grande animal a partir do parâmetro da criação ou da produção das diferentes formas da matéria:

Platão considerava o mundo inteiro como um *ζῶον*, ou seja, como um ser orgânico (*organisirtes Wesen*)¹⁷, portanto, como um ser (*Wesen*), cujas partes só são possíveis em relação com o todo; cujas partes se comportam reciprocamente como meio e como fim umas das outras, e que produzem as formas umas das outras, também como ligação recíproca. (SCHELLING, 1994, p. 29).

Mais tarde, em sua Filosofia da Natureza, Schelling irá apropriar-se desta tese do organismo universal,



mas com uma importante diferença: Especialmente em sua *Alma do Mundo*, de 1798, Schelling tentará deduzir o organismo universal a partir da própria matéria inorgânica do mundo. Aqui, ao contrário, em seu manuscrito sobre o *Timeu*, o jovem Schelling compreende a ideia platônica do animal universal ainda como produto da unidade entre o entendimento e a matéria: “A matéria, por si, não podia produzir nenhum ζῷα, este foi obra do arquiteto do mundo (*Weltbaumeister*), que unificou a *forma do entendimento* com a matéria” (SCHELLING, 1994, p. 32). Nesta interpretação ainda idealista e transcendental de Platão, Schelling precisa afirmar que “Cada ser do mundo não foi obra da matéria, mas foi obra de uma *ideia*, de uma representação da harmonia (*Zusammenstimmung*) da lei (*Geseze*) pura e individual com um único todo (*zu Einem Ganzen*)” (SCHELLING, 1994, p. 33).

Em *Ideias para uma Filosofia da Natureza*, de 1797, Schelling afirma a existência de duas “unidades” envolvidas no processo de criação ou produção da natureza. Estas unidades descreveriam a formação dos produtos naturais – os quais aparecem para os nossos sentidos como objetos finitos – por meio, ou melhor, como fim de uma produtividade infinita da natureza – a qual, por sua vez, não se deixa conhecer empiricamente, mas apenas racionalmente. As duas unidades são descritas por Schelling como um círculo dialético infinito, de modo que não é possível pensar como separados finito e infinito. Estas unidades são descritas por Schelling como um processo de “in-formação”¹⁸ de um no e pelo outro. A primeira unidade consistiria então na in-formação do infinito dentro do finito, de modo que cada produto da natureza apareça em uma forma individual, sem contudo perder a conexão com sua origem genética, com seu gênero universal e com a totalidade infinita da natureza. Com a descrição desta unidade ou deste processo de produção da natureza enquanto in-formação do infinito no finito, Schelling pretende afirmar que, mesmo nos produtos aparentemente inertes da natureza, existiria, ao menos potencialmente, um princípio imanente de uma produtividade infinita, ou, em outras palavras, que mesmo nos objetos mais exteriores da natureza existiria uma subjetividade imanente, ou uma idealidade racional, capaz de levá-los à constante transformação de sua matéria:

Mas exatamente aqui, onde a in-formação (*Einbildung*) do infinito no finito alcança o ponto da indiferenciação absoluta, aquela [primeira unidade] se dissolve imediatamente também de novo na sua oposta e, conseqüentemente, no éter da idealidade absoluta, de modo que, juntamente com a perfeita imagem real do absoluto no mundo real, com o mais perfeito organismo, entra em cena imediatamente também a perfeita imagem ideal – embora esta também só ocorra para o mundo real no interior da razão, e aqui, no mundo real, os dois lados do absoluto ato de conhecimento se mostram, exatamente como no absoluto, como protótipo (*Vorbild*) e antítipo (*Gegenbild*) um do outro, a razão, tal como o absoluto ato de conhecimento na eterna natureza, mostra-se simbolizando-se no organismo, e o organismo, tal como a natureza no eterno recolhimento do finito ao infinito, transfigura-se em razão, em absoluta identidade. (SCHELLING, 2001a, p. 139)¹⁹.

Na citação acima, podemos facilmente reconhecer que os conceitos de *Vorbild* (protótipo) e *Gegenbild* (antítipo) – utilizados pelo jovem Schelling nesta sua primeira obra de Filosofia da Natureza para figurar a tese sobre o processo de “in-formação do infinito no finito” – refletem a sua reinterpretação e reapropriação da tese sobre o surgimento do mundo presente no *Timeu* de Platão, desenvolvida por Schelling desde 1794, à época de seus estudos na Universidade de Tübingen. Obviamente, nas *Ideias*, de 1797, a tese de inspiração platônica de que o (mundo) real seria uma espécie de cópia de um (mundo) ideal ganha um significado inteiramente novo, na medida em que ambos são descritos como “dois lados do absoluto ato de conhecimento”. Este último é também chamado por Schelling de “razão” (*Vernunft*) (cf. SCHELLING, *SW*, I, 2, p. 69). É notável que este conceito de razão se diferencia claramente do conceito moderno de razão, como faculdade de um sujeito humano em oposição aos objetos exteriores irracionais da natureza.



Enquanto sinônimo de “identidade absoluta” este conceito de razão do Schelling filósofo da natureza se aproxima muito mais do conceito antigo grego de *voûç* do que do conceito kantiano de *Verstand*.

A linguagem da filosofia da natureza de Schelling revela sua estratégia para a superação da dicotomia entre espírito e natureza – em parte reforçada pelo racionalismo moderno, mas fundamentalmente imposta por uma interpretação teológica criacionista do mundo. A estratégia de Schelling consiste em recuperar um conceito de natureza presente na antiga filosofia clássica grega, especialmente a partir de uma reinterpretação da teoria das ideias de Platão, sob uma perspectiva diferente da leitura cristã e dicotômica da mesma.

Como mostramos acima, em nossa interpretação sobre o conceito de *construção* do jovem Schelling, uma das teses fundamentais de sua Filosofia da Natureza é a de que o filósofo da natureza é capaz de construir a matéria a partir dos princípios duais de forças. E para tanto, ele necessita, conceber a interação de imanência entre matéria (*ἀπείρον*) e forma (*πέρας*) na natureza, que na linguagem da Filosofia da Natureza de Schelling, serão reinterpretadas como produtividade infinita (*natura naturans*) e produtos finitos (*natura naturata*).

3. SOBRE A TESE SCHELLINGUANA DA PRODUÇÃO NA NATUREZA.

O conceito de natureza do jovem Schelling é descrito como uma totalidade constituída por dois lados opostos. O primeiro, denominado de real ou objetivo, deixa-se perceber empiricamente, pois é visível na forma de produtos (finitos) da natureza. O segundo, chamado ideal ou subjetivo, o qual só pode ser pensado, é concebível como uma atividade produtiva infinita da natureza, chamada por Schelling de *natura naturans*, em oposição ao seu lado real ou empírico, também chamado de *natura naturata*.

O conceito spinozano de *natura naturans* é usado por Schelling já em sua primeira obra de filosofia da natureza, de 1797, para descrever o que ele denomina, naquele contexto, de natureza enquanto “absoluto ato de conhecimento”, o qual corresponderia a um “mundo ideal”, que, por sua vez, estaria desde sempre em uma unidade indissolúvel com a *natura naturata*, descrita então como a natureza enquanto “corpo” (*Leib*) (cf. SCHELLING, SW, I, 2, p. 67).

A partir de 1799, em sua *Einleitung zu dem Entwurf eines Systems der Naturphilosophie*, Schelling passa a descrever este par dialético de conceitos como “*produtividade*” e “*produto*”. O primeiro corresponderia ao aspecto ideal da natureza ou à “natureza enquanto sujeito”, o qual apenas a “teoria” seria capaz de pensar, e o segundo, corresponderia ao aspecto real da natureza, ou à natureza “enquanto *objeto*”, para o qual se volta toda a “*empíria*” (cf. SCHELLING, SW, I, 3, p. 284)²⁰.

Mais uma vez, o filósofo da natureza enfatiza a identidade de ambos estes aspectos, formando uma única e mesma totalidade da natureza:

Aquela identidade da produtividade e do produto no conceito originário de natureza é expressa por meio das habituais perspectivas da natureza como um todo, o qual é causa e ao mesmo tempo o efeito de si mesmo e é novamente idêntico em sua duplicidade (que penetra através de todos os fenômenos). Além disso, este conceito, está de acordo com a identidade do ideal e do real, que é pensada no conceito de cada produto da natureza, e em consideração da qual somente a natureza da arte pode ser também contraposta. Pois na arte



o conceito precede o ato, a execução, na natureza, ao contrário, conceito e ato são simultaneamente e um, o conceito passa imediatamente ao produto e não se deixa separar deste (SCHELLING, SW, I, 3, p. 284)²¹.

Notamos aqui a recusa de Schelling em fazer uma analogia entre arte e natureza, como em Kant, e tão pouco em afirmar a superioridade da arte sobre a natureza, como em Hegel. Pois, para Schelling, a identidade entre forma e matéria, entre produtividade e produto, entre ideal e real, só existe de modo imediato e originário na natureza enquanto organismo universal. É interessante compreender também a reinterpretação de Schelling da formação da matéria na natureza em relação à sua interpretação da narrativa platônica sobre a organização do mundo. Se lá, Schelling compreendia a identidade entre a forma do entendimento e a matéria como mediada pela alma do mundo, aqui, a identidade entre a produtividade infinita da natureza e seus produtos finitos ou entre conceito e matéria, é descrita como imediata.

A *natura naturans* se diferencia apenas didaticamente da *natura naturata*, na medida em que, infinito e finito, matéria e forma são reinterpretados pelo filósofo da natureza como momentos dialéticos de um único todo, da natureza enquanto uma totalidade orgânica. Para chegar a esta concepção, Schelling precisa reinterpretar inteiramente a ideia grega de organização do mundo. Entretanto, em seu sistema de Filosofia da Natureza, o idealismo transcendental não serve mais de parâmetro para esta reinterpretação. Schelling precisa agora resgatar um outro conceito grego de matéria, que não pode ser mais isolada da forma inteligível, que precisa estar, desde o início, em unidade com um princípio inteligível.

Em seu texto de 1801 intitulado *Über den wahren Begriff der Naturphilosophie und die richtige Art ihre Probleme aufzulösen*, o jovem Schelling esclarece – já com uma linguagem característica de seu sistema de filosofia da identidade – que sua filosofia da natureza tem como princípio a unidade de subjetivo e objetivo ou de *natura naturans* e *natura naturata*, as quais se opoariam “apenas relativamente”, na medida que seriam apenas “aspectos” (*Gesichtspunkte*) do chamado “Sujeito-Objeto” (cf. SCHELLING, SW, I, 4, p. 91).

A partir de 1804, Schelling reinterpreta a dialética entre *natura naturans* e *natura naturata* de um modo cada vez mais próximo de uma linguagem religiosa. Em seu *System der gesamten Philosophie und der Naturphilosophie insbesondere*, ele identifica a *Natura naturans* com Deus:

A totalidade das coisas, na medida em que elas estão meramente em Deus, não têm nenhum ser em si, e em seu não-ser são apenas reflexo do todo, é o mundo refletido e reproduzido (*Natura naturata*), o todo porém, enquanto afirmação infinita de Deus, ou enquanto isto que está em tudo o que é, é o todo absoluto ou a natureza produtiva (*Natura naturans*) (SCHELLING, SW, I, 6, p. 199)²².

Ainda que aparentemente mística, a linguagem do Schelling filósofo da identidade pode ser de novo remetida à sua interpretação da narrativa mítica platônica de criação ou produção do mundo visível, como in-formação do infinito no finito, ou enquanto produção de um mundo como reprodução de uma ideia absoluta.

4. CONCLUSÃO.

Minha interpretação de Schelling tentou demonstrar não apenas que sua filosofia da natureza constitui uma base sólida para seu projeto de construção na filosofia, mas também que este projeto, movido por sua pretensão de afirmar a filosofia como ciência, consolida-se a partir da busca de uma linguagem



capaz de fornecer à filosofia um caráter especulativo que possa superar o discurso dicotômico da filosofia transcendental, analítica e reflexiva. Ainda que esta linguagem possa se manifestar por meio de representações aparentemente religiosas ou míticas, o projeto científico de sua filosofia da natureza persistirá como pano de fundo ao longo de toda a sua produção filosófica.

A partir da tese da identidade entre espírito e natureza – identidade esta que se daria no *interior* da natureza absoluta, como unidade entre idealidade, subjetividade ou produtividade infinita (*natura naturans*), por um lado, e, por outro lado, realidade, objetividade, e produtos finitos (*natura naturata*) – Schelling resolve o aparente paralelismo entre a alma do mundo e o entendimento humano, ou entre a idealidade real da natureza e a idealidade subjetiva do ser humano. Para melhor compreender a sistematicidade da tese schellinguiana da identidade ou da indiferença entre espírito e matéria é interessante retornarmos ao primeiro texto aqui analisado, *Sobre a construção na filosofia*. Apropriando-se da interpretação do autor estudado, de que Kant teria construído seu próprio conceito de matéria em seus *Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza*, Schelling cita Höijer:

“O que é essa protomateria [Urmaterie] construída por Kant?”, pergunta o autor. – “Nada mais que uma modificação daquela protorealidade [Urrealität], que expressava o produto da primeira ação pensável e nele estava contida. (...). Além do mais, a matéria determinada é também um produto, e portanto possui as propriedades de um produto, uma vez que a natureza surge para mim por construção e toda construção é um produzir. – Portanto, uma vez que esse dualismo se acha essencial em toda construção, então também ele tem de fornecer a única explicação satisfatória de todos os fenômenos. – O que nenhuma atomística, nenhuma química mecânica, nenhuma psicologia material, nenhum hilozoísmo e nenhuma propriedade ocultas podem explicar, tem de ser concebível por esse princípio” (SCHELLING, 2001b, p. 107).

A dialética da natureza como produtividade e produto tem sua origem nesta interpretação da filosofia da natureza de Kant como construção da matéria. Na medida em que Schelling avança em seu projeto de construção na filosofia ou em uma ciência especulativa da natureza, mais ele encontra a razão para esta unidade originária do conceito de natureza, que é ao mesmo tempo, sua dualidade originária. O dualismo originário, que o jovem Schelling identifica inicialmente, tal como Höijer, como mola propulsora do processo de construção na filosofia, é descrito em sua filosofia da natureza como um princípio imanente à própria natureza, que é ao mesmo tempo, sujeito e objeto. O verdadeiro princípio da filosofia da natureza de Schelling é esta identidade entre sujeito e objeto, ou entre espírito e matéria, pensada desde o início de suas investigações filosóficas. Esta identidade é um pressuposto, um axioma, a partir do qual o jovem Schelling constrói matematicamente todo o seu sistema de filosofia da natureza.

NOTAS

1 Este trabalho é um resultado parcial de minha pesquisa de pós-doutorado realizada na *Technischen Universität Berlin*, com bolsa da CAPES, como parte do Projeto de Intercâmbio PROBRAL entre grupos de pesquisa em filosofia da TU-Berlin e da UERJ, com apoio da CAPES e do DAAD.

2 Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); pesquisadora visitante do *Institut für Philosophie, Literatur-, Wissenschafts- und Technikgeschichte* da *Technischen Universität Berlin*.

3 No original: „Die philosophische Erkenntnis ist die Vernunftkenntnis aus Begriffen, die mathematische aus der Konstruktion der Begriffe“.

4 Tradução minha. No original: „Daß der vollständige Raum (der selbst keine Grenze eines anderen Raumes mehr ist drei Abmessungen habe), und Raum überhaupt auch nicht mehr derselben haben könne, wird auf den Satz gebaut, daß sich in einem Punkte nicht mehr als drei Linien rechtwinklicht schneiden können“. Sobre a dedução da tridimensionalidade

do espaço em Kant, veja também (ZICHE, 2006, p. 27).

5 O livro do sueco Benjamin Carl Henrik Höijer (1767-1812), publicado originalmente em 1779, foi traduzido e publicado em alemão com o título *Abhandlung über die philosophische Konstruktion, als Einleitung zu Vorlesungen in der Philosophie* (*Tratado sobre a construção filosófica como introdução às lições na filosofia*).

6 Título original: *Ueber die Construction in der Philosophie. Abhandlung über die philosophische Construction als Einleitung zu Vorlesungen in der Philosophie*, von Benj. Carl H. Höyer. Aus dem Schwedischen. Stockolm den Sieverstolpen, in Commission den Fr. Perthes in Hamburg. 1801.

7 SCHELLING, SW, I, 5, p. 125.

8 No original: „Übrigens haben wir von Kant selbst die nächste Veranlassung zu der Idee genommen, die wir hier auszuführen suchen. Er construirt in der That die Materie in seinen metaphysischen Anfangsgründen der Naturwissenschaft. Diese Construction ist aber nicht mathematisch; sie geschieht nicht im Raume und in der Zeit, denn durch dieselbe soll jener und mittelbar auch diese erfüllt werden: sie muß also philosophisch seyn“. ([Höijer] Höyer, B. C. H. (1801): *Abhandlung über die philosophische Construction, als Einleitung zu Vorlesungen in der Philosophie, aus dem Schwedischen*, Stockholm, p. 6).

9 SCHELLING, SW, I, 5, p. 129.

10 No original: „eine Konvergenz zwischen Fichtes Erklärung von Erkenntnis durch eine vom Ich nach außen gehende Kraft, die durch eine gegenwirkende Kraft beschränkt werden muß, auf der einen Seite und von Kants Herleitung der Materie aus einem Gleichgewicht von Kräften auf der anderen Seite“.

11 Sobre o conceito de matéria em Schelling a partir de seu diálogo com a filosofia transcendental de Kant e Fichte, cf. (GONÇALVES, 2014) e também (ZICHE, 2006, p. 29).

12 No original: „Es fragt sich aber: wodurch der *innere* Sinn ein *äusserer* werde. / Die Antwort darauf ist folgende: / Durch die Tendenz zur Selbstanschauung begrenzt der Geist sich selbst. Diese Tendenz ist *unendlich*, reproducirt ins Unendliche fort sich selbst. (Nur in dieser unendlichen Reproduktion seiner selbst dauert der Geist fort. Es wird sich bald zeigen, daß ohne diese Voraussetzung das ganze System unseres Geistes unerklärbar ist). Der Geist hat also ein nothwendiges Bestreben, sich in seiner widersprechenden Thätigkeiten anzuschauen. Dieß kann er nicht, ohne sie in Einem gemeinschaftlichen Produkte darzustellen, d. h. Ohne sie *permanent* zu machen. Daher erscheinen sie auf dem Standpunkte des Bewußtseyns als *ruhende* Thätigkeiten, d. h. als Kräfte, die nicht *selbst* thätig, nur dem äusseren Anstoss *entgegen* wirken. — Die Materie ist nichts anderes als der *Geist im Gleichgewicht seiner Thätigkeiten angeschaut*“.

13 No original: „Materie ist uns vorjetzt nichts, als überhaupt etwas was, nach drei Dimensionen ausgedehnt, den Raum ergülht. (...) Aber keine Materie ist und kann seyn anders, als durch Wirkung und Gegenwirkung anziehender und zurückstoßender Kräfte“.

14 No original: „Wenn aber anziehende und zurückstoßende Kräfte selbst Bedingungen der Möglichkeit der Materie sind, oder vielmehr, wenn Materie selbst nichts anderes ist als diese Kräfte im Conflict gedacht, so stehen diese Prinzipien an der Spitze aller Naturwissenschaft entweder als Lehnsätze aus einer höheren Wissenschaft, oder als Axiome, die vor allem vorausgesetzt werden müssen, wenn anders physikalische Erklärung möglich sey soll“.

15 No original: „Das Unendliche – wie es etwa Schelling auffaßte – sollte sich im Endlichen widerspiegeln, aber nicht wie zwei Welten gegeneinander und entgegengesetzt, sondern unter dem Primat der ewigen Ureinheit, füreinander und ineinander. Das disparat Erscheinende sollte in der einzigen Substanz immer schon vorgängig geeint und eins sein, aller Entgegensetzung enthoben. Platon ließ sich darin als wichtiges Element einer Einheitstheorie glänzend verwenden“.

16 Schelling interpreta o conceito platônico de ilimitado ou infinito (*ἄπειρον*) como matéria e, como forma, o conceito oposto de limite: “porque ele [Platão] não pôde encontrar a causa desta ligação da forma (*πέρας*) com a matéria (*ἄπειρον*) nem somente naquela nem somente nesta, nem em ambas ao mesmo tempo (...), então foi necessário um 3º que ligasse ambas entre si” („weil er die Ursache dieser Verbindung der Form (*πέρας*) mit der Materie (*ἄπειρον*) weder in jener noch in dieser allein, noch in beiden zugleich finden konnte (...) so war (...) ein 3tes nothwendig“). (SCHELLING, 1994, p. 27).

17 Optamos aqui, como em outros momentos de nossa tradução dos textos de Schelling, por traduzir a expressão “*organisiertes Wesen*” por “ser orgânico”, ao invés de uma tradução literal como “essência organizada”, por acreditar que



corresponde melhor ao sentido por ele concebido.

18 Sigo aqui a tradução de Carlos Morujão (cf. SCHELLING, F. W. J. *Ideias para uma filosofia da natureza*. Prefácio, introdução, notas e apêndices de Carlos Morujão. Edição bilingue. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001) do conceito schellinguiano “*Einbildung*”, o qual tradicionalmente significa “imaginação” – e que recebeu nas traduções brasileiras das obras de Schelling, por Rubens Rodrigues Torres Filho (cf. SCHELLING, F. W. J. *Obras escolhidas*. Tradução, seleção e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril, 1979 (Coleção Os Pensadores)), Márcio Suzuki (cf. SCHELLING, F. W. J. *Filosofia da arte*. Tradução, introdução e notas Márcio Suzuki. São Paulo: Edusp, 2001) e por mim mesma (cf. SCHELLING, F. W. J. *Aforismos para Introdução à Filosofia da Natureza e Aforismos sobre Filosofia da Natureza*. Tradução, introdução e notas Márcia C. F. Gonçalves. São Paulo, Rio de Janeiro: Loyola, PUC-RJ, 2010), o significado de “formação-em-um”. Minha decisão por utilizar agora essa tradução fundamenta-se em uma nova interpretação da relação entre infinito e finito no contexto filosofia da natureza de Schelling, interpretação esta que será adiante indicada.

19 No original: „Aber eben hier, wo die Einbildung des Unendlichen in das Endliche bis zu dem Punkt der absoluten Indifferenzierung geht, löst sich jene unmittelbar auch wieder in ihre entgegengesetzte und somit in den Äther der absoluten Idealität auf, so daß mit dem vollkommenen realen Bild des Absoluten in der realen Welt, dem vollkommensten Organismus, unmittelbar auch das vollkommene *ideale* Bild, obgleich auch dieses wieder nur für die *reale* Welt in der *Vernunft* eintritt, und hier in der realen Welt die zwei Seiten des absoluten Erkenntnisakts sich ebenso, wie im Absoluten, als Vorbild und Gegenbild voneinander zeigen, die *Vernunft* ebenso, wie der absolute Erkenntnisakt in der ewigen Natur, im Organismus sich symbolisierend, der Organismus ebenso, wie die Natur in der ewigen Zurücknahme des Endlichen in das Unendliche, in der *Vernunft*, in die absolute Idealität verkürt.“ (SCHELLING, *SW*, I, 2, p. 69).

20 No original: „Die *Natur als bloßes Produkt* (*natura naturata*) nennen wir *Natur als Objekt* (*auf diese allein geht alle Empirie*). Die *Natur als Produktivität* nennen wir *Natur als Subjekt* (*auf diese geht alle Theorie*).“

21 No original: “Jene Identität der Produktivität und des Produkts im ursprünglichen Begriff der *Natur* wird ausgedrückt durch die gewöhnlichen Ansichten der *Natur* als eines Ganzen, das von sich selbst die Ursache zugleich und die Wirkung und in seiner (durch alle Erscheinungen hindurchgehenden) Duplizität wieder identisch ist. Ferner stimmt mit diesem Begriff überein die Identität des Ideellen und Reellen, die im Begriff jedes *Naturprodukts* gedacht wird, und in Ansehung welcher allein auch die *Natur* der *Kunst* entgegengesetzt werden kann. Denn in der *Kunst* der Begriff der *That*, der Ausführung, vorangeht, so sind in der *Natur* vielmehr Begriff und *That* gleichzeitig und Eins, der Begriff geht unmittelbar in das *Produkt* über und läßt sich nicht von ihm trennen.“

22 No original: „Die Gesamtheit der Dinge, inwiefern sie bloß in Gott sind, kein Seyn an sich haben, und in ihrem Nichtseyn nur Widerschein des Alls sind, ist die reflektierte oder abgebildete Welt (*Natura naturata*), das All aber, als die unendliche Affirmation Gottes, oder als das, in dem alles ist, was ist, ist absolutes All oder die schaffende *Natur* (*Natura naturans*).“

REFERÊNCIAS

Obras de F. W. J. SCHELLING

1997a. *Abhandlung zur Erläuterung des Idealismus der Wissenschaftslehre* (1797). In: *Sämtliche Werke*. Ed. K. F. A. Schelling. Teil I, vol. 2, pp. 345 e ss. Stuttgart: Cotta, 1856-61 (ed. digital: Total Verlag).

2010. *Aforismos para Introdução à Filosofia da Natureza e Aforismos sobre Filosofia da Natureza*. Tradução, introdução e notas: Márcia C. F. Gonçalves. São Paulo, Rio de Janeiro: Loyola, PUC-RJ.

1997b. *Darstellung der allgemeinen Idee der Philosophie überhaupt und der Naturphilosophie insbesondere als notwendigen und integranten Teils der ersteren* (1797). In: *Sämtliche Werke*. Ed. K. F. A. Schelling. Teil I, vol. 2, pp. 69 e ss. Stuttgart: Cotta, 1856-61 (ed. digital: Total Verlag).

1997c. *Darstellung meines Systems der Philosophie* (1801). In: *Sämtliche Werke*. Ed. K. F. A. Schelling. Teil

I, vol. 4, pp. 105-212. Stuttgart: Cotta, 1856-61 (ed. digital: Total Verlag, 1997).

1994. *Ideen zu einer Philosophie der Natur als Einleitung in das Studium dieser Wissenschaft* (1797). In: *Historisch-kritische Ausgabe. Im Auftrag der Schelling-Kommission der Bayerischen Akademie der Wissenschaften*. Ed. H. M. Baumgartner et alii. Vol. 5. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.

2001a. *Ideias para uma filosofia da natureza. Prefácio, Introdução, Aditamento à Introdução*. Tradução portuguesa, pref., notas e apêndices de Carlos Morujão. Lisboa: IN-CM.

1979. *Obras escolhidas*. Seleção de textos, tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural.

2001b. *Sobre a construção na filosofia*. Trad. de Luciano Codato. *Cadernos de Filosofia Alemã*, nº7, pp. 87-111 (São Paulo: USP).

1994. *Timaeus* (1794). Ed. H. Buchner (Schellingiana, 4). Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.

1958. *Über die Konstruktion in der Philosophie* (1803). In: *Schellings Werke*. Jubiläumsdruck. Ed. Manfred Schröter. Vol. 3. München: C. H. Beck.

2000. *Von der Weltseele* (1798, 1806, 1809). In: *Historisch-kritische Ausgabe. Im Auftrag der Schelling-Kommission der Bayerischen Akademie der Wissenschaften*. Ed. H. M. Baumgartner et alii. Vol. 6. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.

ASMUTH, Ch.; DENKER, A.; VATER, M. 2000. *Schelling: zwischen Fichte und Hegel*. Amsterdam, Philadelphia: B. R. Grüner.

ASMUTH, Ch. 2006. *Interpretation – Transformation: Das Platonbild bei Fichte, Schelling, Hegel, Schleiermacher und Schopenhauer und das Legitimationsproblem der Philosophiegeschichte*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.

BAUM, M. 2000. *Die Anfänge der Schellingschen Naturphilosophie*. In: ASMUTH, Ch.; DENKER, A.; VATER, M. *Schelling: zwischen Fichte und Hegel*. Amsterdam, Philadelphia: B. R. Grüner.

GONÇALVES, M. C. F. 2014. *A construção do conceito schellinguiano de natureza a partir do diálogo crítico com a filosofia transcendental*. *Revista Filosófica de Coimbra*, nº 46, pp. 317-348.

JAESCHKE, W.; ARNDT, A. 2012. *Die Klassische Deutsche Philosophie nach Kant: System der reinen Vernunft und ihre Kritik 1785-1845*. München: C. H. Beck.

JANTZEN, J; KISSER, Th.; TRAUB, H. 2005. *Grundlegung und Kritik: Der Briefwechsel zwischen Schelling und Fichte 1794 – 1802. Dokumentation zur Lektüretagung der Internationalen Schelling-Gesellschaft in Zusammenarbeit mit der Internationalen Johann-Gottlieb-Fichte-Gesellschaft in Leonberg 2003* (Fichte-Studien, vol. 25). Amsterdam, New York: Rodopi.



- KANT, I. 1990 ss. *Gesammelte Schriften*. Hrsg. von Preussische Akademie der Wissenschaft zu Berlin. Berlin: De Gruyter.
- KANT, I. 2001. *Crítica da razão pura*. Trad. de M. Pinto dos Santos e A. F. Morujão. 5ª. ed. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian.
- KANT, I. 1988. *Prolegómenos a toda a metafísica futura*. Trad. de A. Morão. Lisboa: Edições 70.
- KRINGS, H. 1994. Genesis und Materie: Zur Bedeutung der „Timaeus“-Handschrift für Schellings Naturphilosophie. In: SCHELLING, F. W. J. *Timaeus* (1794). Ed. H. Buchner. (Schellingiana, 4). Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.
- SANDKAULEN, B. 2004. Esel ist ein Ton. Das Bewusstsein und die Namen in Hegels Jenaer Systementwürfen von 1803/04 und 1805/06. In: KIMMERLE, H. *Die Eigenbedeutung der Jenaer Systemkonzeptionen Hegels: Gemeinsame Tagung der Internationalen Hegel-Gesellschaft und der Internationalen Hegel-Vereinigung, 10.-12.04.2003*, Erasmus Universität Rotterdam. Berlin: Akademie-Verlag.
- SCHMIDT, K. Ch. G. 1835. *Das Weltall und die Weltseele nach den Vorstellung der Alten; Timaios der Lokrier: Von der Seele der Welt und der Natur, aus dem Griechischen*. Leipzig: Dyf'sche Buchhandlung.
- VIGANÖ, F. 2004. Schelling liest Platons "Timaeus": Die Erneuerung zwischen Platon und Kant. In: ADOLPHI, R.; JANTZEN, J. *Das antike Denken in der Philosophie Schellings*. (Schellingiana, 11). Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.
- WEBER, J. 1993 (1998). *Begriff und Konstruktion: Rezeptionsanalytische Untersuchungen zu Kant und Schelling*. Tese de doutorado em Ciências histórico-filológicas (Historisch-Philologische Wissenschaften). Göttingen: Georg-August-Universität Göttingen.
- ZICHE, P. 2006. Raumkonstruktion, Deduktion der Dimensionen und idealistische Prinzipientheorie: Problemlagen im Fichte-Schelling-Briefwechsel vom November 1800. In: JANTZEN, J; KISSER, Th.; TRAUB, H. *Grundlegung und Kritik: Der Briefwechsel zwischen Schelling und Fichte 1794 – 1802. Dokumentation zur Lektüretagung der Internationalen Schelling-Gesellschaft in Zusammenarbeit mit der Internationalen Johann-Gottlieb-Fichte-Gesellschaft in Leonberg 2003*. (Fichte-Studien, vol. 25). Amsterdam, New York: Rodopi.